



ST14. FONTES IMPRESSAS E HISTÓRIA A HISTÓRIA NARRADA EM LETRAS DE FORMA

966

**A “BOA IMPRENSA” NO ANO DE 1918 PELO ARCEBISPO DA PARAÍBA
DOM ADAUCTO**

*Bruna Cristina Lima Nascimento¹
Fabiano Santos Ferreira²
José Pereira de Sousa Junior³*

Resumo: O presente artigo, trata-se de um estudo em fase inicial, a qual nasceu da leitura das cartas pastorais publicadas pelo jornal da diocese “A Imprensa”. Nas páginas do periódico “A Imprensa”, é evidente a constância de pensamentos das ideologias da classe dominante, o periódico faz valer-se de porta voz dos interesses desta classe. Especificamente neste momento onde o país passava por um período politicamente conturbado, e a igreja católica via-se obrigada a manter uma postura de atalaia, reafirmando seu poder pastoral através das cartas e não perder suas ovelhas para as novas ideologias políticas que estavam sendo apresentadas e semeadas pela imprensa não católica. No primeiro momento deste artigo fizemos uma breve análise historiográfica sobre a importância da imprensa como meio de comunicação e suas interfaces na história. No segundo momento fazemos um relato sobre Dom Aducto de Miranda Henriques, sua origem, sua ascensão ao bispado, suas influências políticas e sociais na Paraíba, sendo participante ativo na romanização do Estado da Paraíba. E por fim, analisaremos o uso da imprensa, no discurso do arcebispo, como meio de propagação de seus ideais eclesiais, fortalecendo o pensamento de que a “Boa Imprensa” seria aquela que estaria relacionada aos preceitos da Igreja Católica Romana, rejeitando toda e qualquer imprensa que não fosse vinculada a mesma, para isso utilizamos a carta pastoral “Nosso dever para com a imprensa” de 1918 publicada no Jornal A Imprensa. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a leitura de cartas e jornais pastorais publicadas pela própria imprensa Católica, e também leitura complementares de bibliografias para dá suporte teórico.

Palavras-chave: Imprensa. Poder. Religião.

¹ Aluna do curso de História – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

² Aluno do curso de História – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

³ Professor de História da UFRN/ CERES/CAICO – DOUTORANDO PELA UFPE – COLABORADOR / NEAB-Í/UEPB.

BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA IMPRENSA

A imprensa é utilizada como um meio de comunicação em massa, propagando assim a informação para um grande número de pessoas, no século XX com a euforia tecnológica, os jornais estavam cada vez mais em alta, chegando a pontos considerados ainda de difícil acesso. Os jornais investiam cada vez mais em estruturas necessárias para sua maior propagação. O conteúdo também passava por transformações. A produção da cultura foi acelerada pelo uso do papel e pela impressão em larga escala. Para Thompson, “os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos” (THOMPSON, 1998, 20).

Declinava o folhetim que ia sendo substituído pelo columnismo, o artigo político pelas entrevistas, mais informações do que catequese, embora se procurasse a opinião desde que parecesse imparcial. O papel da imprensa periódica, na emergência da esfera pública, revestiu-se de importância especial. O aparecimento dos jornais no final do século XVII e princípios do século XVIII fomentou um novo espaço público para o debate. De início, esses jornais eram dedicados a assuntos literários e culturais, mas a temática foi se alargando para questões de interesse social e político. Gerou-se uma demanda por essas informações, pois o público queria entender e participar do processo decisório das instâncias de poder.

Nesse novo espaço público, a sociedade começou a obrigar o poder a justificar-se perante a opinião pública. Segundo Thompson (1998:38), “nosso sentido de passado e de como ele nos alcança se torna cada vez mais dependente da expansão crescente de um reservatório de formas simbólicas mediadas”.

Segundo Dirceu Fernandes Lopes, a imprensa surgiu no Brasil em 1706, em Pernambuco, sempre suprimida pelo poder da coroa, cujo objetivo era manter a colônia atada a seu domínio, nas trevas e na ignorância. Manter as colônias fechadas à cultura era uma característica própria da dominação.

No século XIX e no início do século XX, preocupou-se primeiramente, em reformar as práticas religiosas da população, que eram tidas como bastante externalizadas, costumeiras, cotidianas, pouco sacramentais e de junções condenáveis entre elementos sagrados e profanos. E posteriormente, preocupou-se em reforçar o prestígio da Igreja com a reforma do clero nacional, em reafirmar o escolasticismo por meio de uma série de bulas e encíclicas, e em combater as tendências consideradas perigosas à sociedade civil, como a maçonaria, os ideais de modernidade e as associações religiosas (GOMES, 2009: 22-23).

DOM ADAUCTO AURELIO DE MIRANDA HENRIQUES

A História da arquidiocese da Paraíba remota ao dia 27 de abril de 1892 quando o Papa Leão XIII, pela Bula Ad Universas OrbisEcclesias desmembrou o território que compreende os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, constituindo assim uma

nova diocese com sede na capital, instalada em 4 de março de 1894, com a chegada do seu primeiro Bispo Dom Aducto de Miranda Henriques, nascido em Areia em 1855, filho de coronel, sua família fora muito importante nos atuais estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, ainda sendo no século XVII capitânias.

Logo com sua chegada fundou o seminário e o colégio Diocesano, notabilizando-se pelas pastorais em que condenava o liberalismo, ateísmo, socialismo, maçonaria, comunismo, emancipação da mulher e o relaxamento de costumes trazido pelo urbanismo e a industrialização. O Bispo tornou-se símbolo de poder tanto eclesiástico como socialmente, em defesa da moralidade, e em breve se tornou Arcebispo.

Dom Aducto sempre demonstra sua devoção ao Papa Leão XIII, e ao mesmo conclama a população a ler publicações católicas que defendam a moral de origem da religião em uma carta pastoral publicada no jornal A Imprensa:

O immortal pontifice Leão XIII que resolveu, com aprumo e tacto social, as grandes questões de seu tempo, resumiu nestas palavras o ambito de nossos deveres para com a imprensa: cumpre aos catholicos, escreveu elle, sustentar, de uma maneira efficaz, a bôa imprensa..., concorrendo directamente para fazel-a viver e prosperar, o que pensamos se não há feito bastante até agora.(JORNAL A IMPRENSA, p. 3 1918)

Nessas cartas apostólicas ele sempre mencionava trechos, das cartas pastorais vindas de Roma, publicadas pelo Papa, onde o Dom Aducto fazia questão de comentá-las, para então divulgá-las fazendo uma espécie de resumo dos ideais papais, podemos assim compreender que o mesmo verticalizava esse poder eclesiástico se colocando como interprete da vontade papal.

Observarmos que as multifaces políticas do Arcebispo através de um poder simbólico, obtinha força sobre boa parte dos segmentos sociais, formando uma teia que aumentava cada vez mais esse poder.

Percebemos que a relação do Arcebispo com o jornal da diocese faz com que aumente cada vez mais sua imagem de homem poderoso, digno de admiração pela população da Paraíba ao qual iria colocá-lo como uma autoridade acima dos políticos. Sua influencia na romanização do clero também aumentaria ainda mais seu poder como afirma Barreto (2011).

Esse processo de romanização levou á emergência de uma classe sacerdotal renovada, que tentava adequar á Igreja brasileira á nova realidade republicana, a Igreja se estruturava quase toda voltada para os tempos imperiais, e com a presença da republica deveria passar por modificações.

DOM ADAUCTO COMBATENDO O BOM COMBATE

Com a chegada da República no Brasil, a Igreja se depara com um dos seus mais relevantes combates no qual ela teria batalhar, uma vez que estava certa de que a

República se aparelhava contra ela. A Cúria Romana estava preocupada com essas mudanças no Brasil e observou que se fazia necessário tomar algumas medidas para manter seu poder pastoral no país.

Uma das tais medidas a serem tomadas pela Igreja para conter a ação dos ideais republicanos no Brasil, foi planejada entre o Vaticano e os dirigentes locais da Igreja, que acharam por bem multiplicar as Dioceses e Arquidioceses no país, para manter o seu poder e fortalecer a ação pastoral.

Dentre os ideais republicanos que mais causou atordoamento à Igreja foram a secularização e o laicismo, porquanto a proposta da república consistia em segregação entre a Igreja e o Estado, que iriam a partir de então executar suas atribuições dentro de seus próprios domínios.

Em 1899 a igreja através de Dom Aducto, este representante maior da Igreja na Parayba do Norte, achou por bem proibir a parte profana da Festa das Neves naquele ano, tendo como fundamento o domínio da maçonaria nesta parte da festa da padroeira. Essa atitude do bispo colhe como resposta o retorno da Questão Religiosa dos anos 1874/5, a maçonaria ver nesta atitude de Dom Aducto como uma convocação para um desafio, bem como menciona MELO (2013),

“A maçonaria aceitou o desafio. Apoiados em instituições republicanas como o Clube Astréa e ainda o comércio do Varadouro, intelectuais anti-religiosos e jornalistas radicais, os maçons desfecharam violenta campanha contra a Igreja. Do lado oposto, Dom Aducto não cedeu, suspendendo as homenagens religiosas à padroeira. Sem essas celebrações, a parte profana da Festa das Neves perdeu o brilho, mas a maçonaria sustentou-a. Quando o choque entre maçons e católicos ganharam as ruas, o presidente Gama e Melo, com desgaste para a sua autoridade”(MELO, 2013, p. 153).

A Igreja mantinha seu estado de atenção para conservar seu poder patriarcal sob a comunidade paraibana, porém nesse momento a sociedade está sendo aburguesada e os eventos sociais assumem novas formas, deixando o velho espaço de socialização e fiscalização (a Igreja), para inserir-se em outros onde pudessem interagir com maior liberalização dos costumes.

A igreja não esteve em nenhum momento comprimida perante os confrontos, pelo contrario, ela manteve-se em sua posição de atalaia, impondo e doutrinando por meio de exortações o seu rebanho, tal como MELLO (2013), nos conta“(...) *mas a Igreja, intuindo o advento dos novos tempos reagiu, condenando a maioria daquelas diversões que, na Paraíba, se consolidariam pelos anos vinte*”.(MELLO, 2013, P. 154a)

Os embates entre a Igreja e os novos ideais republicanos não ficaram apenas nos espaços de socialização, eles adentraram também pelos sermões e discursos proferidos por ambas as partes, eles – a Igreja e a Maçonaria -, almejavam o espaço e o poder do outro. Este teor e forma de discurso nos remete a exposição de Michel Foucault em seu livro “A ordem do discurso”, onde profere que,

“Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque pelo que se luta, o poder no qual nos queremos apoderar”(FOUCAULT, 2013, p.10).

Além dos púlpitos e altares, os combatentes para propagar seus conceitos, utilizaram outros instrumentos, tais como, os periódicos que circulavam na Paraíba naquele tempo. Como afirmação, citamos MELO (2013) que escreveu: “(...) *Para periodistas católicos, o progresso social tornava-se perigoso, porque implicava no afrouxamento dos antigos laços de controle patriarcal*”.(MELLO, 2013, P. 154b)

É perceptível a preocupação da Igreja católica com o fim do sistema de padroado, que a mantinha unida ao Estado. O controle exercido pela Igreja por meio do patriarcalismo e de sua ação pastoral, serviam como sustentáculo para que a Igreja mantivesse o seu lugar de imponência e de única instituição detentora da verdade.

A “BOA IMPRENSA”: A UTILIZAÇÃO DA IMPRENSA PELA IGREJA

. A Arquidiocese da Paraíba, além dos sermões ministrados através da oralidade em suas missas, agora possuía em suas mãos um meio de vigilância dentro dos lares paraibanos, com o objetivo de manter suas ovelhas em seu aprisco evitando que bebessem em outras fontes.

Vale ressaltar que os periódicos, desde os primórdios da instauração dos ideais republicanos no país, estavam passando por modificações. A monarquia tornou-se obsoleta e extinta, que conseqüentemente perde seu lugar nas páginas dos periódicos, a não ser por um ou outro periódico que publicava alguma charge, mostrando a atual situação em que se encontrava a monarquia. O lugar de destaque da monarquia, agora é prontamente ocupado pelos ideais republicanos e os anúncios da modernização, e o com duplo papel de seduzir e recrutar seu público, como nos afirma MARTINS (1997):

“Isto porque neste momento ensaiava-se a indústria do ‘reclame’, veiculado com uma impressão mais sofisticada, com maiores tiragens, recurso das modernas máquinas de impressão Alauzet. Através de extensas listas de artigos importados, anúncios dos últimos modelos de Paris, reprodução de vitrines repletas de novidades das famosas Casas de Armarinhos, que anunciavam da casimira inglesa ao romance de Eugene Sue – *Os Mistérios de Paris* -, passando pelas notáveis máquinas de costura New Home ou Singer, introduzia-se o leitor no ‘Maravilhoso mundo do consumo’ (MARTINS, 1997, p. 53).

A imprensa tinha como propósito formar um público leitor, dando-lhes moldes para uma formação de opinião pública, ou seja, formar grupos de cidadãos conscientes de sua força e capazes de constituir teias sociais representativas. Os primeiros jornais

engajaram-se nesse pensamento, entendendo que a construção de um público leitor era também a construção de um sentimento patriota, e passivo à dominação.

O periódico ‘A Imprensa’ tinha como principal característica um discurso doutrinador, e magistral em críticas ao que ele define de progresso sem Deus. Enfim, ‘A Imprensa’ significava a oposição aos novos ideais propagados por periódicos não católicos.

Dom Adauto preocupado com esta modernidade que tomara o lugar das notícias da então derrotada monarquia nas páginas dos periódicos, e que colocava em risco a moral daqueles que os consumiam, viu-se na obrigação de proteger seu rebanho dos males apresentado pela imprensa não católica. O Bispo passa a redigir seguidas cartas pastorais com o objetivo de imunizar seu rebanho contra a ‘má imprensa’, e é justamente a Carta Pastoral intitulada ‘Nosso dever para com a imprensa’.

Nesta Carta Pastoral Dom Adauto reprime seu rebanho quanto à leitura de livros, jornais e folhetos que disseminavam os ideais políticos republicanos vigentes na época.

“(…) A má imprensa é a causa da perda de nosso tempo, da nossa Patria. Que vêm a ser os periodicos ao serviço dos que só espalham a mentira e a immoralidade? Uma tal imprensa mata a alma, corrompe os espiritos e serve de estímulo às paixões. Esta imprensa é uma fonte impia e envenenada em que bebem quotidianamente milhares de indivíduos, perdendo o seu coração e corrompendo a sua alma (...)”(CARTA PASTORAL, 1918, P.13).

É perceptível o quanto Dom Adauto foi movido pelas concepções religiosas e dogmáticas, herdadas por seus mestres Leão XIII e Pio X, ao utilizar o jornal “A Imprensa” para propagar suas ideias. Identificamos na carta pastoral um discurso de reprovação, à secularização da imprensa na época, essa reprovação foi cada vez mais em ascensão efetivada pela Igreja Católica.

No corpo da Carta Pastoral percebe-se um discurso maniqueísta/dualista equipado de elementos tais como: vida e morte, boa e má, moral e amoral. Dom Adauto ver-se com a responsabilidade de batalhar contra o seus opositores para assegurar que os fiéis da Santa Igreja, à ele confiados, permaneça no Caminho da vida.

“(…) A razão é porque a imprensa constitue hoje, mais que nunca, o principal alimento do espirito, assim para a vida como para a morte, tanto para o bem como para o mal. Bôa, transmite aos indivíduos e á família a vida moral, trazendo concomitantemente a segurança das instituições, o bem-estar da sociedade e o verdadeiro progresso dos povos. Má, arrasta consigo a decadencia, amontoa destroços sobre destroços: gera a morte”(CARTA PASTORAL, 1918, P. 4).

Observamos que em todo o transcórper do corpo da Carta Pastoral há elementos que propõe dois caminhos, sendo que apenas uma deve ser a opção escolhida, que consiste em: estar a favor da ‘boa imprensa’ ou contra ela. Aqueles que optassem por acolher os princípios difundidos pela ‘boa imprensa’ seriam recompensados com uma educação de excelência que resultaria em mudança intelectual e moral. Enquanto que os optassem por uma imprensa que não fosse a ‘boa’, não passariam de seres infelizes que

“(…) vão corrompendo, aos poucos, insensivelmente sua inteligência, seu coração com a leitura de mãos livros, péssimas revistas, ruins folhetos e jornaes, todos impregnados, tanto ou quanto, de erros modernos, de mentiras e calumnias que logo se lhes pegam na alma e passam às famílias e amigos” (CARTA PASTORAL, 1918, P. 5).

Dom Aducto dar continuidade ao seu sermão exortando o público de “A Imprensa”, para comprar material impresso daqueles que, segundo ele, não passam de inimigos da Pátria. Menciona que tem ouvido por parte de seus fiéis, reclamações a respeito dos maus exemplos propagados por periódicos de cunho não católico, que tem lançado temíveis venenos principalmente entre os jovens, e estes, têm se desviado do caminho do bem.

Dentro dos adros da igreja imperava a apostasia, que segundo Dom Aducto isto acontecera devido à leituras de literaturas, classificadas por ele como prejudiciais à fé e os bons costumes. O discurso de Dom Aducto na tentativa de persuadir e trazer de volta àqueles que haviam se afastado do seu aprisco, Dom Aducto exorta-os mostrando-lhes suas obrigações, enquanto ovelhas de seu rebanho, “*É dever de todos os catholicos sustentar, conforme suas posses, a bôa imprensa, avigorar, na medida de suas forças, o jornalismo catholico*” (CARTA PASTORAL, 1918, P. 7).

Ele segue sua Carta Pastoral quanto à postura adequada e em conformidade com os bons costumes, e que a ‘má imprensa’ usava seus impressos para afrontar a Religião e a Pátria, como a exemplo da citação abaixo:

“Não faltam, certamente, no meio de vós, impressos cheios de espirito irreligioso, nos quaes, mui frequentemente, se combate de uma maneira directa a Igreja Catholica nos seus dogmas, sua moral, sua divina instituição e constituição e nos seus ritos; a impiedade é, ás vezes, ali espalhada tão copiosamente e por modos tão repugnantes que o animo de quem não tenha de todo perdido a fé, fica profundamente horrorizado! E andam, todavia, essas publicações pelas mãos de todas e oxalá muitíssimos daqueles que são e querem permanecer catholicos e exercitam ainda as praticas religiosas não nas lessem todos os dias e não lhes dessem entrada livre e pacifica morada em suas casas, oferecendo, assim, ensejo a que jovens inexperientes, donzelas inocentes encontrem tão abundantemente preparado o mais perigoso veneno que depressa lhes corromperá a mente e o coração”(CARTA PASTORAL, 1918, P.12-13).

O discurso doutrinário de Dom Aducto à seu rebanho, se estende até o final da Carta Pastoral, onde antes das saudações finais o mesmo faz sua última exortação, esta com teor de convocação, “*trabalhem todos, fieis e clero, Veneraveis Irmaos e Filhos muito amados, pela Bôa Imprensa, para trazer supplantada sempre a cabeça da serpe seductôra, quer dizer, os erros e vícios, obstando, por todos os meios, a que dominem sobre a família e a sociedade*”(CARTA PASTORAL, 1918, P.20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim percebemos que as cartas publicadas pelo Dom Aducto Aurelio de Miranda Henriques, se valeu de estratégias, usando da linguagem oficial da Igreja,

direcionada aos clérigos e fieis , na tentativa de modificar os costumes dos mesmos, fortalecendo portanto seus ideais, nosso objetivo seria mostrar como a “Boa Imprensa” utilizou-se da palavra escrita, usando os periódicos e jornais, para a propagação dos objetivos da Igreja Católica no século XX.

A presente abordagem nos permitiu uma reflexão de que não existem sociedades livres de relações de poder. Os indivíduos são resultado imediato e constantes dessas relações. Desse modo, a Igreja Católica Apostólica Romana, acabara de intervir, conduzir e orientar diversos setores da vida social, reforçando assim sua estratégia de permanência e atuação no decorrer da história. Pois para o dom Aducto a fé contribui para o reinado da paz, da justiça, da boa moral entre as pessoas, sendo Deus e a sua Igreja, a Católica Romana.

Enfim trata-se de relações de poder que constituem um sistema de poder, a partir de instituições que mantêm uma ligação social, política entre si com base no Estado. Dom Aducto como um bispo reformador, sua relação com o Estado foi de cordialidade e cooperação mútua, favorecendo as duas instituições: Igreja que consolidava o projeto de romanização e o Estado que, através das oligarquias incontestáveis pela Igreja, assegurava o novo regime na Paraíba

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida**. João Pessoa. 2ª ed.1986.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **A formação dos padres no Nordeste do Brasil** (1894-1933). 01. Ed. Natal, Edufrn,2011.

COSTA, Suzana Queiroga da. **Jornal A Imprensa como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana do século XX de 1912 á 1942**. 2011.191 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação), Universidade Federal da Paraíba.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. – 23. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MARTINS, Ana Luiza. **República um outro olhar**. 5. ed. – São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba – Lutas e Resistência**. 12. ed. – Paraíba: Editora A União, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: ABDR, 2005.

SILVA, Cezar José. **DOM ADAUTO DE MIRANDA: As multifaces do primeiro bispo da Paraíba**. 2012.36 p. Graduação (Licenciatura em História), Universidade Estadual da Paraíba.

Fontes

Carta Pastoral, publicada no jornal A Imprensa de 1918.